

**O SOCIAL HABITA NOS DETALHES:  
a escolha do nome próprio no âmbito de uma sociologia empírica dos afetos**

**THE SOCIAL DWELLS IN THE DETAILS:  
the choice of the proper name from an empirical sociology of affections**

---

Priscila de Oliveira Coutinho\*

**Resumo**

O texto se baseia em pesquisa empírica que reconstrói a biografia sociológica (LAHIRE, 2010) de uma migrante paraibana, filha caçula de um casal de pequenos agricultores e nomeada Juscelina em homenagem ao político brasileiro Juscelino Kubitschek. O recorte aqui considerado pretende discutir a escolha do nome a partir de interpretação sociológica que articula quatro elementos centrais: a) a posição da família no espaço social local; b) as características pessoais do pai de Juscelina, que incluem a relação com a cultura a que teve acesso, seu carisma pessoal e uma relação muito particular com o universo político; c) as circunstâncias nacionais e familiares que marcaram a época do nascimento de Juscelina; d) a relação singular do pai da biografada com a imagem pública do homenageado, Juscelino Kubitschek, a qual foi fabricada por um tipo de aparato de propaganda política inaugurado no Brasil por Getúlio Vargas.

**Palavras-chave:** Identidade. Juscelino Kubitschek. Sociologia em escala individual. Migração.

**Abstract**

This paper is based on empirical research that reconstructs the “sociological biography” (LAHIRE, 2010) of a migrant from Paraíba, the youngest daughter of a couple of small farmers and named Juscelina in honor of the Brazilian politician Juscelino Kubitschek.

The considerations set out here intends to discuss the choice of the name of Juscelina from a sociological interpretation that articulates four central elements: a) the position of the family in the local social space; b) the personal characteristics of Juscelina’s father, which includes the relation with the culture to which he had access, his personal charisma and a very particular relationship with the political universe; c) the national and family circumstances that marked the time of Juscelina’s birth; d) the unique relationship of the father with the public image of the honoree, Juscelino Kubitschek, which was manufactured by a type of political propaganda apparatus inaugurated in Brazil by Getúlio Vargas.

**Keywords:** Identity. Juscelino Kubitschek. Sociology on an individual scale. Migration.

**Introdução**

Como já afirmou Zevedei Barbu (1979), o conceito de identidade é uma das nossas heranças prediletas do romantismo. Se é noção facilmente mobilizável nos mais variados discursos, tendo seu significado preenchido por informações contextuais, do ponto de vista propriamente conceitual, corre o sério risco de imprecisão e redundância, como bem apontou Lévi-Strauss (1977), ao postular ser a identidade um limite ao qual não corresponde em realidade experiência alguma. Não obstante a sua polissemia, a identidade individual se coloca da forma mais literal e inquestionável no espaço do nome próprio, aquele com o qual o sujeito é chamado,

---

\* Professora Adjunta de Sociologia da Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: prioliveiracoutinho@gmail.com

ou seja, incluído em suas redes de interlocução, desde as primeiras, com os “outros significativos” (MEAD, 1967), até aquelas constituídas nos contextos socializadores da vida adulta. Nesse sentido, o nome é mesmo uma precondição para construção da (auto) imagem de si. Nada mais literal para a afirmação de uma identidade individual do que a forma como somos chamados a entrar em uma conversação, ou como somos oficialmente nomeados (TAYLOR, 1997).

Do ponto de vista sociológico, a construção da identidade individual pressupõe, como tem defendido Bernard Lahire ao longo de sua obra, o conhecimento das disposições incorporadas e dos contextos frequentados ao longo da vida. Os múltiplos processos socializadores fabricam um indivíduo singular, sendo este, por isso, o mundo social em estado dobrado (LAHIRE, 2013). Profundamente influenciada por este postulado lahireano, que pode ser encarado como aperfeiçoamento empírico e metodológico de uma longa tradição disposicionalista, empreendi, entre julho de 2011 e outubro de 2012, investigação que procurou construir a sociobiografia da migrante paraibana Juscelina. Filha caçula de pequenos agricultores do agreste paraibano, realiza uma radical travessia no espaço sociogeográfico, tornando-se uma executiva de destaque do sistema Coca-Cola, e retorna à Paraíba em 2012, após 35 anos vividos no Rio de Janeiro e em São Paulo.

A reconstrução biográfica produzida<sup>1</sup> apoia-se em dados cujo intervalo temporal se inicia com a união dos pais da biografada, na terceira década do século XX, passa por acontecimentos que precederam seu nascimento e que explicam notadamente a posição da família no espaço social local e se estende até o retorno da biografada à Paraíba, o qual coincidiu com o período em que fazia a pesquisa empírica.

Concordando novamente com Bernard Lahire quanto ao fato de o social habitar nos detalhes e no singular, tanto quanto nas instituições e movimentos coletivos, busquei compreender as “pequenas” e “grandes” questões que atravessaram a vida da biografada e sua família: a política de combate à seca no Nordeste e alguns grandes processos migratórios do século XX, por exemplo, mas também as brincadeiras infantis da fratria, os enterros dos meninos pequenos, a escolha dos nomes dos filhos, notadamente o de Juscelina, sobre a qual pretendo concentrar a breve análise elaborada no texto que se segue.

Tal escolha relaciona-se ao momento específico que a família vivia quando Juscelina nasceu e ao tipo de associação produzida pelo seu pai entre a representação de si mesmo e a imagem pública de Juscelino Kubitschek, o homenageado. A investigação empírica acerca dos motivos da escolha do nome da biografada me conduziu a uma questão sociobiográfica central, a das condições de possibilidade originais para o desejo de um destino diferente do de seus irmãos, principalmente de suas irmãs.

---

<sup>1</sup>Coutinho, Priscila de Oliveira. “Meu sonho era maior que eu”: biografia sociológica de uma trãnsfuga de classe. 2015. 300 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2015.

É sempre desafiadora a tarefa de recortar elementos interpretativos de um trabalho que ganha inteligibilidade justamente por analisar todo um longo ciclo de vida. Por isso, para tentar amenizar os limites impostos pelo formato de um artigo, incluo aqui uma breve descrição da trajetória de Juscelina para então prosseguir na análise por meio da articulação de quatro componentes interpretativos: a) a posição da família no espaço social local; b) as características pessoais do pai da biografada, que incluem a relação com a cultura a que teve acesso, seu carisma pessoal e uma relação muito particular com o universo político; c) as circunstâncias nacionais e familiares que marcaram a época do nascimento de Juscelina; d) a relação singular de seu pai, Gabriel, com a imagem pública de Juscelino Kubitschek, fabricada por um tipo de aparato de propaganda política inaugurado no Brasil por Getúlio Vargas.

### **Resumo da trajetória**

Juscelina nasceu no Pará em 1957, cinco anos depois de seus pais, Gabriel e Satina, partirem da cidade de Pedro Velho (RN), divisa com a Paraíba, para Belém (PA). Seu pai, sua mãe, grávida<sup>2</sup>, e seis filhos procuravam um lugar onde pudessem ter mais chances de sobrevivência após a escassez resultante das secas de 1952 e 1953. Em 1960, o casal decide voltar para a Paraíba. A família instalou-se na região de Caiçara<sup>3</sup>, no Agreste paraibano, onde viviam não só a mãe de Satina, mas também grande parte da família de Gabriel.

Criada nessa região, em um pequeno sítio, foi alfabetizada por uma irmã mais velha e cursou o primeiro ciclo do ensino secundário como bolsista no único ginásio particular da cidade. A concessão da bolsa, oferecida pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Caiçara, exigia como contrapartida a apresentação de boas notas e uma espécie de estágio na secretaria do sindicato. Assim, aos 12 anos já trabalhava fora do ambiente doméstico durante o dia e estudava à noite.

Alguns de seus irmãos já haviam saído de Caiçara. Durante a pesquisa, fui conhecendo os diferentes percursos migratórios realizados pelos membros da fratria. Alguns realizaram movimentos temporários, predominantemente para o Rio de Janeiro, Salvador e João Pessoa, onde trabalharam como pedreiros, mecânicos, porteiros e vendedores ambulantes. Somente um deles fez um movimento migratório com intenção de permanência: foi para o Rio de Janeiro no início da década de 70 e ainda vive na cidade.

Aos 15 anos, Juscelina pede a Gabriel, seu pai, que a deixe partir para João Pessoa. Ela sempre se sentiu a filha predileta do pai. Com sua autorização, ela se muda para a capital, onde se emprega como datilógrafa em um jornal de esquerda – “O Momento” –, enquanto finaliza seus estudos de segundo grau no período noturno. Aos 18 anos, é aprovada num concurso para o

---

<sup>2</sup> Satina, mãe de Juscelina, teve 25 gestações. Houve quatro abortos espontâneos e 10 filhos morreram ainda pequenos.

<sup>3</sup> Segundo do IBGE (2010), Caiçara tem 7.220 habitantes. O município localiza-se no Agreste brasileiro e dista 120 km da capital João Pessoa.

Serviço Federal de Processamento de Dados (SERPRO). Porém, ainda insatisfeita com a vida na Paraíba, é incentivada por uma colega de trabalho a ir tentar a vida no Rio de Janeiro. Desejando conhecer o que a capital carioca poderia oferecer, as duas decidem ir para lá. Organizam a viagem durante alguns poucos meses e partem em dezembro de 1976. Elas se hospedam na casa de Daniel, irmão de Juscelina, na Vila Kennedy, no bairro de Bangu. Ele havia partido para o Rio alguns anos antes.

Depois de cerca de 40 dias à procura de trabalho, conseguem, por meio de uma agência de empregos, contratações temporárias. Juscelina emprega-se como datilógrafa na Texaco, onde fica por quarenta dias para logo em seguida iniciar uma experiência na Coca-Cola, também como datilógrafa. Na multinacional, constrói uma carreira de 35 anos. Foi secretária/português, representante de marketing, supervisora de vendas, chefe de vendas e coordenadora de vendas. No período mais adiantado da carreira, foi gerente em várias áreas até alcançar a gerência de key accounts e a diretoria da cervejaria Heineken, cargo que ocupava quando a conheci.

Ela não se casou e nem teve filhos, ao contrário de todos os seus irmãos. Com exceção de um curto período de um ano e meio em que morou em Fortaleza, viveu esses 35 anos no Rio de Janeiro e em São Paulo, mas sempre fez visitas aos irmãos, os quais, com exceção de Daniel, moram em Caiçara e arredores.

### **A relação da biografada com seu pai e a posição da família no espaço social local**

Das muitas questões que procurava compreender investigando a trajetória de Juscelina, algumas eram basilares para o desenvolvimento da análise, quais sejam, aquelas relacionadas aos elementos estruturais e agenciais que, sociologicamente reconstituíveis, explicam a excepcionalidade de sua trajetória e a constituição específica de sua multifacetada identidade (como são plurais quaisquer identidades). Mostrou-se necessário, então, um trabalho que se debruçasse sobre as diversas fases biográficas e relações decisivas estabelecidas ao longo da vida, assim como com os macro e micro processos que moldaram sua subjetividade, constituindo disposições, gostos, visões de mundo, ambições, etc.

Desse modo, a reconstituição social dos afetos na forma de uma biografia não poderia se restringir à análise de Juscelina com seu pai. Porém, para explicar o impulso original para realizar o primeiro e definitivo deslocamento de sua vida, de Caiçara para João Pessoa, a relação estabelecida com o pai me pareceu crucial. O que teria levado uma menina de 14 anos a partir sozinha para a capital do estado? O que teria levado Gabriel, fincado numa sociedade tradicional, não só a autorizar, mas a apoiar a decisão da filha?

Os motivos que explicam a escolha do nome de Juscelina foram me direcionando numa trilha interpretativa que confirmava a hipótese de que muitos dos motivos que levaram a que ela se sentisse capaz de enfrentar uma vida fora de Caiçara se deveram aos encorajamentos de seu pai. A relação com ele foi fundamental para a construção da autoconfiança que a motivou

a romper com o destino reservado às mulheres de sua classe e comunidade, assim como a estimulou a seguir o caminho que seu pai dizia que era o dela, o de uma moça inteligente que poderia se tornar advogada algum dia.

Juscelina procurava corresponder às expectativas paternas, conciliando o trabalho com o estudo e afirmando aos familiares e amigos que não queria casar e que precisava conhecer o mundo. A obediência e mansidão de seu comportamento, somadas ao bom desempenho escolar que sempre demonstrou, levaram Juscelina a ganhar alguns prêmios de seu pai. Além dos elogios, Gabriel promovia outros incentivos sutis e cotidianos. Para compensar as boas notas, ele levou a filha em algumas de suas viagens até a Praia da Pipa, no litoral do Rio Grande do Norte, onde ele comprava os camarões que negociava nas feiras de sábado. Ela se lembra bem do trajeto de trem até Pedro Velho e da linda paisagem que encontrava quando chegava a Pipa. Além de passear, essa era uma oportunidade de observar como seu pai negociava. Breves episódios de demonstração de que a filha era especial tornaram-se recordações duráveis e significativas.

Tendo percebido, já nas primeiras entrevistas com a pesquisada, a importância da relação positiva com o pai, passei a buscar elementos para compreender mais profundamente a trajetória e subjetividade de Gabriel. Precisava, então, em primeiro lugar, identificar os elementos objetivos que o posicionavam na hierarquia social daquela época e localidade, para então me aprofundar nas singularidades de sua personalidade. Comecei a compreender a posição da família no espaço social caiçarense quando, ao perguntar a uma das irmãs de Juscelina se seu pai já havia sido um *morador*<sup>4</sup>, ela me respondeu enfaticamente: *Não! Papai era um homem livre*<sup>5</sup>! O *morador*, além de trabalhar a maior parte da semana para o dono da terra, sob a ameaça de ser expulso, submetia-se a uma série de exigências impostas muitas vezes violentamente pelo *senhor*. Assim, na dinâmica das relações sociais constituídas nos espaços e na época em análise (Brejo, Agreste e Semiárido paraibanos da primeira metade do século XX), a oposição entre *moradores* e *homens livres*, ou *sujeitos* e *libertos*, expressava tanto formas de residência e trabalho quanto condições existenciais caracterizadas pela dependência a um senhor que delimita os “horizontes sociais e mentais” (GARCIA, 1989) de quem lhe era sujeito.

Ao *morador sujeito* – registrado no dicionário Aurélio como brasileirismo: “designação que davam os sertanejos aos escravos”, como anota Afrânio Garcia (1989) – não eram fornecidos os meios de constituição de interesses individuais ou coletivos. O proprietário de terras assegurava àquele os elementos materiais de reprodução da vida (teto e espaço, fundamentalmente), delimitava

---

4O *morador* é alguém que vende sua força de trabalho em troca da ocupação de um pedaço de terra do proprietário. Além de trabalhar a maior parte da semana para o dono da terra, o *morador*, sob a ameaça de ser expulso, se submete a uma série de exigências impostas muitas vezes violentamente pelo proprietário. A condição análoga a de escravo é esclarecida na expressão nativa utilizada para caracterizar um não *morador*: *homem livre*. Nesse ponto, é bastante elucidativa a já clássica interpretação de Maria Sylvia de Carvalho Franco acerca das redes de contraprestação - serviços prestados e favores concedidos – entre *homens livres*. Complementar ao regime de servidão, tais relações caracterizadas pela dominação pessoal mantinham, contudo, a aparência de laços entre pessoas socialmente iguais.

5 Expressões em itálico sempre serão usadas para indicar falas nativas e trechos ou expressões de entrevistas

os espaços físicos e sociais nos quais era permitido movimentar-se, determinava de quais atividades culturais e religiosas era permitido participar e decidia qual comportamento político o morador e sua família deveriam tomar. O *senhor* era, antes e além de tudo, dono do corpo de quem lhe era cativo, e por isso lhe era autorizado infligir castigos físicos aos desobedientes.

Na economia das práticas da dependência, o morador era o *cabra*<sup>6</sup> e o *liberto* era o *homem*. Àquele não era dada a possibilidade de obter respeitabilidade social, pois ele não podia exigir reparação às ofensas sofridas cotidianamente. Era o homem condenado à vergonha, vivida como condição existencial, não sentimento transitório. O fato de não ter domínio sobre seu corpo e sua vontade levava a que a vergonha recobrisse todo o espaço moral no qual se constrói a identidade pessoal e familiar. Dentro dos limites arbitrários dos desejos do senhor, era, por vezes, permitido ao *cabra* e à sua família o cumprimento dos sacramentos católicos que os colocariam no universo daqueles que têm chances de salvação no mundo extraterreno. Por isso, o senhor era *aquela que casava e batizava*, na expressão corrente incorporada na literatura de José Américo de Almeida. Ao *morador*, era negada participação nos jogos de afirmação da reputação cujo imperativo central é o do reconhecimento mútuo da igualdade em honra, tanto aqueles do cotidiano quanto as disputas do “tempo da política” (PALMEIRA, 2011), já que o *eleitor*, para o ser, tinha que ser *homem*, enquanto o *cabra* posicionava-se obrigatoriamente do lado do candidato apoiado pelo *senhor* e dava o seu voto e os de sua família para quem ele ordenasse.

### **Educação e carisma como elementos determinantes da personalidade e trajetória de Gabriel**

Ao longo da investigação, constatei que não só Gabriel, mas seus pais e todos os seus irmãos escaparam da *morada* como condição de sobrevivência. Apesar de todas as privações ligadas à dificuldade de acesso a bens e serviços, às restrições derivadas da falta de direitos e aos muitos limites na reprodução da vida ao qual estavam submetidos agricultores pobres naquela época, acredito que muitas das possibilidades abertas à família devem ser sociologicamente reconduzidas à condição de *liberta*. Tal situação garantiu algumas vantagens econômicas, como a venda do excedente produzido no roçado e certa liberdade política, já que não eram obrigados a votar nos candidatos apoiados pelo proprietário da terra. Gabriel<sup>7</sup>, o filho mais velho da fratria, e seus irmãos, apesar de todas as dificuldades, foram alfabetizados. Numa época em que, segundo o recenseamento de 1920, feito pela Diretoria Geral de Estatística, cerca de 80% dos paraibanos e 76% dos brasileiros não sabiam ler nem escrever (BRASIL, 1920), alfabetizar os filhos certamente significou muito do ponto de vista de chances de sobrevivência e de posicionamento na escala social local.

6 Como explica Afrânio Garcia (1989, p. 49): “O valor simbólico da palavra cabra está ligado aos usos sociais deste animal: criadas por mulheres, as cabras não são difíceis de alimentar e vivem em lugares onde outros animais não se adaptam, como nas regiões semiáridas (Sertão, Curimataú). São elas que fornecem a maior parte do leite às crianças dos *engenhos*, sobretudo aos filhos de *moradores*”.

7 Gabriel nasceu em 1913. Mariinha, a caçula, em 1927.

Sua irmã mais nova, Mariinha, formou-se professora e manteve hábitos de leitura e escrita até o fim da vida. Surpreendi-me quando, em um de nossos primeiros encontros, ela ditou a primeira lição da cartilha que usava como professora das escolas rurais da região. A prática cotidiana da escrita, além de ser forma de gerir a economia doméstica e de registrar informações familiares, vicinais e comunitárias, possui dimensão moral revelada num verdadeiro encantamento pela palavra grafada. Outras irmãs de Gabriel estudaram e algumas sobrinhas concluíram o magistério. Conversando com diversos familiares de Juscelina, percebi a significativa valorização da caligrafia entre aqueles com a idade na faixa dos 60 anos. Numa época em que a “escrita à mão” era a forma predominante de documentar informações cotidianas, a beleza e correção da caligrafia indicavam habilidades ligadas ao letramento, apreciada pessoalmente e valorizada socialmente.

Assim como a higiene das casas, utensílios domésticos e roupas, a caligrafia funcionava como “coeficiente de prestígio” (HOGGART, 1970) entre a população local. Não por acaso, quando algum dos filhos de Gabriel mencionava que ele sabia ler, escrever e fazer contas muito bem, acrescentava: *Papai tinha uma caligrafia linda!* O letramento era bastante valorizado na família, o que não deixa de ser um tanto surpreendente se considerarmos o universo rural paraibano das primeiras décadas do século XX<sup>8</sup>.

Além da valorização da educação formal, cujo acesso era muito restrito, Gabriel era um entusiasta da cultura popular nordestina e encontrou diversas maneiras de desfrutá-la e praticá-la. Costumava ler *folhetos* (literatura de cordel) para seus filhos e recebia em sua casa músicos que encontrava nas *ruas*<sup>9</sup>, dos municípios onde negociava, ou em suas viagens com a tropa de burros. Eram, em sua maioria, emboladores de coco que, acompanhados de ganzás e pandeirolas, cantavam versos noite adentro, enquanto, à luz do candeeiro, os feijões colhidos pela família eram debulhados e peneirados na urupemba<sup>10</sup>. Gabriel conhecia de cor muitos versos do cancionário popular, legado transmitido a alguns de seus filhos.

---

8 Como afirma Romanelli (2005), o atraso na generalização da educação até 1930 prendia-se às prioridades do Estado, que se confundiam com os interesses imediatos da agro exportação, o que excluía qualquer possibilidade de investimentos em direitos sociais. Assim, até o final da Primeira República a maioria da população estava concentrada na área rural, sobrevivendo de uma economia de base agrícola que não precisava modernizar seus fatores de produção. Um real investimento institucional na educação só ocorre quando passa a ser uma exigência da economia de mercado. A intensificação do processo de urbanização, causado pela deterioração das formas de produção do campo e pela implantação do capitalismo industrial, assim como as crescentes necessidades de recursos humanos para ocupar funções nos setores secundários e terciários da economia, forçam uma mudança significativa no que se refere à alfabetização e à qualificação da população (ROMANELLI, 2005). Assim, pelo menos até a década de 30, a possibilidade de ascensão social por meio da aquisição de capital cultural esteve direcionada para estratos sociais intermediários. As possibilidades de que um homem pobre ou um liberto conseguisse educar-se eram irrisórias, assim como eram mínimas as chances de alguma ascensão social para grupos populares que não fosse por meio da escolarização. Esse quadro de inescapabilidade de uma posição social subalterna atingia tanto os ex-escravos quanto os homens brancos, pardos e pobres, habitantes de regiões rurais em regime de semiservidão.

9 *Rua* é como se nomeia a parte urbana da cidade (identificada, no início do (século XX), como o lugar da Igreja Matriz e da feira semanal); *Sítio* denota a porção rural do município. Quando se fala, por exemplo, de Sítio Cancão, a referência é a uma espécie de bairro rural.

10 Trata-se de uma espécie de peneira.

O tipo de apropriação criativa que Gabriel fazia da linguagem popular, tal como um artista do cotidiano, integrava o que de forma um tanto vaga, mas que pretendemos densificar, pode ser denominado de carisma. A característica foi muitas vezes, e de diferentes formas, explicitamente evocada pelos meus entrevistados de Caiçara. Quando eu mencionava seu nome, dificilmente meu interlocutor não respondia com um sorriso: *Lembro sim de seu Gabriel. Era uma figura*. Seus filhos o definiram de muitas formas, dentre elas: *Papai era um menino*.

Sua prosa me foi descrita como sagaz e repleta de traços de comicidade, algo próximo do que diversas vezes ouvi como a *malícia do tropeiro*. A sagacidade, na visão de Gabriel, integrava algo como a honra masculina, de modo que a noção de virilidade estava àquela atrelada. Um provérbio que ele enunciava quando considerava um homem muito *mole/besta* (ou seja, pouco sagaz, em oposição a rijo/astuto) era: *Se o homem for pra ser besta, é melhor ser ladrão de cavalo*.

A imagem de Gabriel reúne a família de modo bastante significativo e singular. Nos momentos em que se contavam as *resenhas de papai*, como a irmã mais velha de Juscelina, Maria, costuma dizer, foi quando pude ver o modo mais harmonioso de integração de Juscelina com seus irmãos. Era quando ficavam mais evidentes os laços ancestrais e vínculos afetivos profundos com aqueles com os quais não se partilham muitos dos valores e visões de mundo. O compartilhamento das histórias sobre Gabriel, sempre cheias de comicidade, picardia e originalidade, eram períodos de trégua, quando as diferenças ficavam momentaneamente suspensas para darem lugar ao riso, cujo sentido se pode extrair da compreensão coletiva das sutilezas e particularidades que tecem cada uma dessas histórias, e ao contentamento coletivo promovido pelas boas lembranças.

São várias as anedotas sobre ele. Seus filhos contam que *na época que papai bebia*<sup>11</sup>, antes de irem para o Pará, viagem sobre a qual falarei adiante, Gabriel, após algumas doses, subia em seu cavalo com o objetivo de voltar para casa, mas dormia em cima do animal. Este sabia o caminho e o levava com segurança o destino de modo que Gabriel chegava dormindo, mas *são e salvo* pelo cavalo. Quando o tropeiro caía pelo caminho, o cavalo levava até o sítio os alimentos armazenados nos cestos das cangalhas. Outra anedota da qual a família se orgulha e com a qual se regozija é a do *morcego*. Reunida com a família, em fevereiro de 2012, foi Juscelina quem pediu a Demétrio, seu irmão mais velho, que a contasse detalhadamente:

Lá em São José do Mipubu tinha um padre que viu que tinha muito morcego na igreja, aí ele matou um bocado de morcego e ficou aquilo tudo caído no chão. Aí o tributirno [vendedor de refeições] passou e viu aquele bocado de morcego no chão. O tributirno era bem inteligente, metido a sabidão. Aí o pessoal, antigamente, tinha mania de chamar notinha velha de morcego, dinheiro velho de morcego, né. Aí papai disse pro padre: Padre, o que o senhor vai fazer com esse bocado de morcego? O padre disse: Vou jogar fora. Ele disse: Padre, me dê um bocado de morcego. Aí o padre disse: O que você vai fazer com morcego morto? Ele disse: Deixe comigo. Aí ele foi lá no restaurante. Chegou e perguntou: Recebe morcego? Aí o rapaz meio desconfiado: disse:

11 Não se sabe a época exata em que Gabriel parou de beber, mas Juscelina conta que, em suas lembranças de menina, seu pai já não consumia bebidas alcoólicas com frequência.

Recebe. Aí ele sentou, almoçou bem. Aí na hora de vir a conta, o rapaz disse: É tanto! Aí papai começou a tirar aqueles morcego tudo do bolso, e o restaurante cheio, né. Aí o triburtino disse: Vai -se embora daqui com esses morcego, hõmi, vai-se embora! E papai foi embora sem pagar a conta!

Nas diversas historietas a mim relatadas, o pai é sempre a personagem principal, uma espécie de herói com atitudes picarescas, bem ao modo de vários protagonistas de Ariano Suassuna, que transitam em diversos contextos sociais com destreza e vivacidade. Sobre a capacidade de compreender a linguagem, performance e valores de diferentes ambientes e classes sociais, assim como de adaptar-se a eles, Gabriel repetia uma fórmula que marcou a vida de Juscelina: *Em terra de sapo, de cócoras com ele*.

O hábito de colorir de comicidade a interação com os outros dava a Gabriel uma familiaridade privilegiada com as diversas categorias sociais com as quais convivia. Como afirma Maria, ele *adorava uma piada*:

Ih, piada era com ele. Tinha um juiz, um promotor em Caiçara, que ele começou como promotor, virou juiz, aquela confusão toda. Ele, toda noite, depois que chegava do Fórum, ia lá pra casa pra escutar papai contar piada. Contava piada de papagaio, de morcego, tudo quanto era piada, ele sabia... de padre, contava muita piada de padre.

Numa sociedade onde o “*ethos*” humorístico é bastante presente, como documenta Suassuna (1974), os gracejos e zombarias de Gabriel serviam de mote para muitas de suas relações. Desse modo, ele era capaz de, com suas *palestras* divertidas, mobilizar, modelar e transformar suas relações (COMEFORD, 1997). Ademais, ele recebia admiração especial por sua engenhosidade linguística. Isso porque era mestre em provocar o riso na medida mesmo em que explicitava com jocosidade dados implícitos da estrutura social ou de determinadas interações. Maria relata:

Ele gostava era de rico. Gente com bigode enrolado era com ele mesmo. Pra juiz, era festa e jantar que ele dava. Pra pobre não, pra pobre era bom dia, boa tarde e até logo. Papai dizia que quando um rico morria o sino tocava: “Peena, peena, peena”, e quando um pobre morria o sino tocava: “Se dane, se dane, se dane”.

Das “brincadeiras” (DOUGLAS, 1968) de Gabriel também podemos depreender o senso de distinção social do qual ele era de fato consciente. Procurou estar perto de pessoas influentes e de classes sociais superiores à sua porque essa aproximação lhe agradava e poderia render favores e prestígio, mas também por entender que ele se assemelhava socialmente a eles. Era um *homem livre* e alfabetizado num universo de muitos *cativos* e analfabetos. Ademais, a profissão de tropeiro não só o diferenciava positivamente dos agricultores, mas também lhe fornecia capital simbólico específico, qual seja, um conhecimento sobre o *mundo*, entendido como o espaço

simbólico de uma liberdade impensável para aqueles submetidos ao cativo e sedentarismo da *morada* (WOORTMAN, 1990). *Gabriel, como todo viajante, conheceu* os perigos das estradas, mas também as estratégias para enfrentá-los, o que lhe conferia uma espécie de autoridade experiencial (CLIFFORD, 1998).

Juscelina o define como um *bon vivant*, e todos os seus filhos disseram que ele *só gostava de coisas boas*, característica muito bem sintetizada no ditado, que ele costumava repetir: *calça de veludo ou bunda de fora*. Sobre isso, é novamente Maria, a filha que mais intensamente conviveu com ele, quem explica:

Papai tinha espírito de rico. Só andava todo esticado. Os pés de papai era fino que nem pé de moça. É porque pé de pobre é grosso, pode pisar em terra quente, barro quente e aguenta, sabe? Os pés dele não aguentava não.

Priscila: Mas por quê? Ele usava sapato?

Maria: É porque ele fazia calçado. Era bem engomadinho, sentado, conversando, conversava com um e com outro, brincava com um, brincava com outro. A vida dele era divertida. Ele nunca teve espírito de pobre não. Andava nos trens aí, mas era sempre todo engomado. Parava, dava cinco tostões a um, cinco tostões a outro pra carregar as bagagens dele. Acha que ele ia carregar bagagem nas costas, é? Ele pagava... Não carregava bagagem não. Aí eu digo assim: papai tinha espírito de gente rica, mas quem quer ser pobre?

O que estava subjacente às “brincadeiras” (DOUGLAS, 1968) de Gabriel era tanto a ambiguidade consistente no fato de ser ele um homem modesto se fazendo de rico quanto a posição intersticial que ele ocupava na estrutura social. A jocosidade de Gabriel indica a perspicácia com a qual ele apreendia o mundo social. Tal apreensão eficaz dos contextos frequentados e das características de seus interlocutores lhe permitia reconhecer os limites entre a brincadeira e a ofensa. Seu carisma é reconhecido porque sua presença era agradável, já que ele manipulava com habilidade a tensão constitutiva do comentário jocoso. As piadas com os pobres e os ricos, além disso, ao jogarem luz sobre as muitas dimensões das assimetrias sociais, cumpriam uma função crítica, se a entendermos como observação e julgamento das ações alheias segundo quadros de referência moral (WERNECK, 2016).

Convivia em sua personalidade a consciência de estar socialmente acima de um *morador*, mas de compartilhar com ele as inúmeras dificuldades e misérias da vida. A posição média que Gabriel ocupava, entre *moradores* e grandes proprietários de terras, aproximava-o mais, do ponto de vista das condições de que se revestiam o cotidiano (inseguranças quanto à provisão alimentar, quase inexistência de serviços de saúde, precariedade do transporte etc.), dos *pobres* dos quais ele zombava do que dos promotores e juízes dos quais ele buscava astuciosamente aproximar-se por meio da manipulação consciente de seus talentos sociais. Assim, Gabriel não estava suficientemente acima de um *pobre* para que suas piadas fossem consideradas ofensivas. Era como zombar de si mesmo e ao mesmo tempo fingir estar no lugar do rico. É um pobre

falando de si como se fosse um rico falando do pobre. Era na imitação do rico, expressão também do desejo de o ser, que residia a graça.

Acredito que a personalidade carismática (de *bon vivant*, como disse Juscelina) e esse senso de pertencimento social a classes que estavam acima do que poderia alcançar, considerando suas condições materiais de existência, além de outros fatores analisados no tópico seguinte, tais como o encanto pelas estradas, o desejo de “modernidade” associado à imagem pública de Juscelino Kubitschek<sup>12</sup> e a proximidade com um de seus maiores projetos, a estrada Belém-Brasília, levaram Gabriel a se identificar de forma determinante com o político.

### **O contexto do nascimento e a escolha do nome de Juscelina**

Após duas grandes secas, de 1950 e 1953, Gabriel e Satina decidiram tentar a vida no Norte do país. Como muitos outros brasileiros, deslocaram-se, buscando as promessas de trabalho que remontam a políticas de migração dos primeiros anos da Era Vargas. Após alguns apuros vividos na longa viagem até Belém e depois de alguns anos de instabilidade, Gabriel conseguiu comprar um pedaço de terra na região, à época, chamada de Miritueira, nos limites dos municípios de São José do Guamá e daquele que em 1961 se tornaria o município de Santa Maria do Pará.

A casa da família localizava-se a poucos metros de distância de onde, entre 1959 e 1961, seria iniciada a construção de trecho da rodovia Belém-Brasília. O terreno tinha *1 quilômetro de fundo com 100 metros de frente*, ou seja, 10 hectares, porção de terra que um agricultor do Agreste paraibano dificilmente seria capaz de adquirir<sup>13</sup>. O principal alimento cultivado pela família para a venda a mercearias da região era o arroz, semeado em janeiro e colhido em junho ou julho.

A viagem para o Norte, com todas as suas descobertas, além do contato com pessoas vindas de outras áreas do país e do exterior, trouxe muitas novidades para a vida da família e gerou nas crianças a alegria da satisfação da curiosidade, sempre incentivada por Gabriel, cujas habilidades sociais colaboraram para a boa adaptação e para a sobrevivência por meio da venda do que era cultivado no terreno adquirido e também do trabalho como *marchante* (abatedor e negociante de carne), que executou durante alguns anos. Homem alegre, gentil e carismático, habilidoso nas relações sociais, além de alfabetizado, conseguiu exercer funções que lhe asseguravam algumas prerrogativas. Na região onde comprou sua terra obteve uma espécie de concessão oficial para ser algo como um chefe de diligência local, um *oficial de justiça*.

O prestígio e os privilégios da nova colocação garantiram à família uma vida mais confortável e segura. Gabriel, lembra uma de suas filhas mais velhas, *comprou um cavalo preto*

---

12 JK foi eleito governador de Minas Gerais em 1951, e presidente da República em 1956.

13 Como constatou recenseamento feito por Afrânio Garcia na feira de Remígio, PB em 1982 (GARCIA, 1989). Segundo o antropólogo, nenhum dos agricultores que negociavam na feira tinha mais de 10 ha.

*bonito, uma boa sela, comprou uns gados. A gente andava muito bem calçado.* Era com esse cavalo que ele cumpria as diligências oficiais, imponente e sempre bem vestido com as roupas engomadas por Satina no ferro à brasa. A amizade com o prefeito e o espírito empreendedor de Gabriel, além da grande importância que ele atribuía ao estudo de seus filhos, levaram-no, com o apoio da prefeitura, a criar uma escola, que atendia também às outras crianças da região do sítio. A professora do grupo morava com a família. Em seu sítio, Gabriel também promovia atividades culturais, voltadas principalmente para as crianças do lugarejo. Como diz Maria, *papai juntava um bocado de gente lá no Pará.*

Quando Juscelina nasceu, em 1957, na Fazenda Miritueira, a família vivia um período de prosperidade, se comparado à fase de apuros e iminência da fome que antecedeu o deslocamento para o Norte. Muito entusiasmado com a recente vitória de Juscelino Kubitschek, político em quem os pais de Juscelina depositavam muita esperança, a décima nona filha foi batizada em sua homenagem. Gabriel, sempre muito inteirado da política local e nacional, identificava-se com o presidente bossa-nova. Os motivos para tal identificação eram abundantes, desde que compreendamos não só a propaganda de JK, cuja eficácia e estratégia inauguraram um período inovador de tecnologia de marketing político, mas também imaginemos o tipo de “fabricação” (CERTEAU, 1998) da imagem de Juscelino que Gabriel – com os meios tecnológicos de que dispunha, com as circunstâncias nas quais vivia e com os elementos psicossociais (FERNANDES, 2008) ou disposições (LAHIRE, 2010) de que se constituía a sua subjetividade – poderia realizar.

A relação de Gabriel com a política local e nacional é antiga. Ele sempre se interessou por ambas e, durante toda a sua vida, elas tiveram impacto determinante em sua trajetória e na de sua família. É claro que as decisões estatais impactam a vida de qualquer cidadão, mas certas políticas de governo podem ser mais definitivas para uns do que para outros. Ademais, cada indivíduo e cada família têm uma forma particular de lidar com o Estado. Trata-se de diferentes “maneiras de fazer” (CERTEAU, 1998), ou seja, de diferentes formas de utilizar a ordem estabelecida. Ordem essa que pode ser tanto a lei que obriga o cidadão a fazer algo quanto um programa de governo que oferece a ele um espaço de jogo, um tabuleiro onde, apesar de todas as restrições impostas, encontra um lugar para, nas brechas das normas universalizantes e dos planos de ação formatados à sua revelia, criar as suas táticas.

Homem inteligente e experiente, sabia que não só os políticos jogam entre si, também um cidadão precisa saber jogar com o *poder*<sup>14</sup>. E ele soube fazer isso muito bem, pois conhecia profundamente a cultura política na qual se inseria e possuía grande habilidade para capitalizar as relações sociais conquistadas com suas capacidades técnicas (habilidades adquiridas nos trabalhos executados, além das linguísticas e de escrita) e com seu carisma, galhardia e senso de distinção social. O conhecimento sobre planos e medidas políticas era obtido nas leituras de

---

14 Em Caiçara o *poder* é o conjunto de possibilidades, atribuições, capacidades e prerrogativas sobre as quais têm domínio o conjunto de indivíduos e grupos que ocupam os aparelhos estatais nos três níveis fundamentais da Federação (União, Estados e Municípios).

jornais que encontrava vez por outra em suas viagens, nas conversas e nas notícias ouvidas no radinho de pilhas que o acompanhou durante grande parte da vida.

Gabriel adorava *A voz do Brasil*, o *Repórter Esso* e os programas de notícias da Rádio Tabajara. Como demonstra Lúcia Lippi Oliveira (2007), o rádio era um dos bastiões da modernidade da Era Vargas. A democratização de seu acesso integrava a política de aprimoramento da comunicação no Brasil e ao mesmo tempo era uma estratégia propagandística muito poderosa. A construção de uma “cultura nacional”, como Vargas projetou, teve o rádio como o maior suporte tecnológico. Como grande parte da população era analfabeta e vivia no interior do País, o rádio permitia alguma interação entre governo (que tinha programas de autodivulgação específicos e regulava as outras emissões), a população e os artistas nacionais e locais. Gabriel, que *adorava tudo que era moderno*, não poderia deixar de adorar o rádio.

Quando decidiu partir da Paraíba rumo ao Norte com sua família não era somente o desespero que o motivava. Havia também esperança, e certamente esse sentimento era construído com a expectativa de progresso e modernidade que, em meio a todo desrespeito, humilhação e privação que encontrou durante a viagem, ainda podia divisar. Apesar de tudo, eles conseguiriam chegar ao Pará e então poderiam recomeçar a vida em um lugar com água e terra para plantar. Gabriel via que o Brasil estava mudando, que as estradas começavam a ser construídas e o país ficava paulatinamente mais integrado. Além disso, projetos inéditos de apoio ao Nordeste eram implementados (obras de combate à seca, Banco do Nordeste, etc.).

Mesmo sem ter conseguido executar reformas trabalhistas no meio rural, que só começariam a ganhar corpo com a luta pela transformação da participação política dos trabalhadores do campo, protagonizada pelas Ligas Camponesas, o trabalhismo da Era Vargas indicava uma mobilidade daquelas forças políticas que Gabriel conhecera em sua juventude, assim como dos valores que as sustentavam.

Gabriel e sua família eram parte daquela população que o governo varguista desejava instrumentalizar. Eles integraram a massa humana que passou por situações de brutal abandono durante a Marcha para o Oeste. Porém, apesar de tudo, de fato, algumas possibilidades estavam abertas no Norte do país. O que o estudo biográfico dessa trajetória familiar demonstra é que a astúcia de Gabriel, a resistência de Satina e a força moral de ambos atuaram nos momentos que pareceram a eles oportunidades de melhora da situação familiar. Não conseguiram livrar-se de muitos apuros, penúrias e sofrimentos, mas puderam inventar cotidianamente maneiras de amenizá-los por meio de uma “ética da tenacidade” praticada na forma de uma “estética dos lances” (CERTEAU, 1998).

Com jogadas táticas, criadas em cada momento tido como oportuno, a família foi salvando a si mesma. O fato de ter tido algum espaço de ação fazia com que Gabriel fosse grato ao governo getulista e idolatrasse Juscelino Kubitschek, que chegou à Presidência na época em que a família atingiu a estabilidade no Pará – quando, após quase dois anos vivendo como empregados, conseguem comprar a terra em que viveram de 1955 a 1960.

O discurso do desenvolvimento, do modernismo e do progresso que capitaneou o imaginário construído sobre o presidente dos “50 anos em 5” (seu plano de governo previa fazer 50 anos de progresso em 5 anos de realizações) só pôde alcançar tamanha legitimidade porque prosseguiu, em grande medida, com os projetos do desenvolvimentismo varguista. Getúlio promovera a criação de uma série de agências para estudar, formular e executar políticas de desenvolvimento, sempre dentro de uma ótica que valorizava a ação do Estado, a iniciativa local e o nacionalismo.

Um desses empreendimentos era o Plano de Valorização Econômica da Amazônia, que nos interessa mais diretamente, de cuja comissão Juscelino havia participado em sua segunda legislatura como deputado federal (SIMÕES, 2000). No governo de Minas Gerais e no Legislativo, Juscelino dedicou-se ainda a grandiosos projetos de comunicação, eletrificação e transporte, de modo que sua imagem sempre esteve associada ao desenvolvimentismo. O dirigismo estatal que valorizava a participação local e tinha como base ideológica o nacionalismo construído pelas elites intelectuais teve início com Vargas e continuou criativamente com JK.

O aparato de propaganda mobilizado na Era Vargas serviu de aprendizado para Juscelino Kubitschek, que não a utilizava esporadicamente, mas como integrante perene de sua “*práxis*” política. É o que defende Josanne Simões, completando que a propaganda direta, formada pelo investimento em contatos físicos com eleitores e apoiadores e focada em características pessoais e na trajetória do político, gerava afetividade, empatia e veneração, e reforçava o que era divulgado em rádios, jornais e no “boca a boca”, sobre as virtudes de Juscelino.

Sonhador, idealizador, pé de valsa, simpático, elegante, confiante, dinâmico, ousado, sorridente e habilidoso nas relações sociais e políticas (“se dava com todos”), a identidade mítica de JK era muito próxima da autoimagem de Gabriel. E também de como ele me foi descrito. Ramos, um dos irmãos mais velhos de Juscelina, na primeira conversa que tivemos, comparou seu pai a Juscelino:

Ramos: Meu pai foi um herói, que nem Juscelino, que também foi um herói. É verdade o que falam sobre ele?

Priscila: De quê?

Ramos: Que ele deixou o país endividado?

Priscila: É... Parece que deixou mesmo...

Ramos: Mas é claro, um homem que construiu Brasília, construiu a estrada, a Belém-Brasília!

A trajetória pessoal também foi aproveitada politicamente. O menino que vivia isolado na Diamantina, MG, da década de 1920, era aficionado por estradas e energia elétrica. Por isso, desbravaria os fundões do Brasil, abrindo caminhos e levando o desenvolvimento. Homem de “virtú”, munido da “capacidade humana de agir e criar sobre ocasiões e circunstâncias”

(SIMÕES, 2000, p. 33), Juscelino, filho de uma professora primária e de um caixeiro-viajante, teve uma infância pobre. Seu pai morreu poucos anos após o nascimento dos filhos, e Dona Júlia, sua mãe, teve que arcar sozinha com a manutenção da casa e da família.

Porém, o ofício de professora trazia o “status intelectual que abria as portas da convivência social” (SIMÕES, 2000, p. 22), de modo que, não obstante a pobreza, a família contava com reconhecimento social. Por isso, afirma o próprio Juscelino (Apud SIMÕES 2000, p. 22): “Nossa pobreza não era, pois, propriamente da origem, mas das circunstâncias”. Então, por mais que a vida da família fosse cercada de privações, Júlia e seus filhos pertenciam, ou julgavam pertencer, à camada sociocultural diversa. Como conclui perspicazmente Josanne Simões (2000, p. 22): “Se a pobreza era de ‘circunstância’ e não de ‘origem’, coloca-se o traço distintivo e impulsionador que os diferenciava dos pobres de origem: o sentido da inadequabilidade diante dos fatores externos impostos à vida”. Nada mais próximo do modo como Gabriel compreendia a própria situação social.

Se, como afirma Hazareesingh (2010), a compreensão do mito (homem tornado mito) demanda a reconstituição da dupla afetividade que o constitui – no nosso caso, de JK com os brasileiros e dos brasileiros com ele –, então, certamente a apreensão da apropriação individual de um personagem do imaginário coletivo depende da análise dos fatores que levam à identificação do homem comum com o mito.

A construção midiática da imagem, por mais difusa que seja, tem alguns padrões recuperáveis analiticamente. No caso de Juscelino, muitas das representações produzidas sobre ele (numa clara e proposital confusão entre o político e o garoto irrequieto, ágil, culto, ousado, brilhante e elegante que saiu do interior de Minas Gerais para conquistar a presidência do país) participaram da construção particular que Gabriel fez sobre o presidente da modernidade, mas a personalidade do pai de Juscelina (disposições, aptidões, visões sobre si, etc.) e as circunstâncias nas quais Gabriel apropriou-se do mito intervêm definitivamente na visão que sobre JK será construída. Não era somente gratidão e admiração que ele sentia. Gabriel achava que eles se assemelhavam, como é possível concluir de alguns dos relatos de seus filhos.

Desse modo, o nome de sua filha não era somente uma homenagem ao homem visionário que estava construindo a Belém-Brasília, estrada que passaria às margens da Fazenda Miritueira (tropeiro que era, Gabriel sabia que o desenvolvimento não poderia vir sem estradas). Tratava-se ainda de uma homenagem a si mesmo, assim como uma forma de perpetuar, pela nomeação identificadora, essa conexão entre o mito JK e a sua autoimagem.

Acredito que o fato de Juscelina ter nascido numa época de prosperidade familiar e de empolgação nacional fez com que a relação entre pai e filha fosse pautada, entre outras coisas, por esse elemento da esperança de ascensão. Não se pode dizer que Juscelina incorporou o projeto paterno de elevação social, tal como seria correto afirmar, por exemplo, sobre o caso de Wolfgang Amadeus Mozart, descrito e analisado na bela pesquisa de Norbert Elias. O pai do gênio austríaco era músico e empenhou-se sistemática e planejadamente na educação musical

do filho, de modo a desenvolver ao máximo seu talento natural. Sua habilidade nas práticas pedagógicas iluministas, consistentes, como afirma Elias (1995, p. 76), em “subjugar o ensino ao desejo pessoal do professor”, certamente reforçaram progressivamente o vínculo de dependência do menino com seu pai, assim como a extrema insegurança emocional que caracterizou, desde a infância, a personalidade de Mozart. A constante vigilância exercida por Leopold Mozart, que encarregava sua esposa de fazê-la em seu lugar quando não podia acompanhar o filho nas turnês europeias, assim como o exercício da dupla autoridade, de pai e mentor, ambos muito rígidos e ambiciosos, são outros fatores que reforçariam a adesão do filho ao projeto paterno.

Entretanto, mesmo não havendo, no caso de Gabriel, um empenho sistemático em transformar a vida de sua filha na vida que ele próprio gostaria de ter, ela foi desenvolvendo anseios, hábitos, habilidades e disposições (ascetismo, obediência, tenacidade, combatividade) que iam ao encontro do que seu pai considerava características de alguém *estribado* (bem-sucedido), ou seja, alguém que poderia superá-lo do ponto de vista econômico e cultural/escolar, e o superando traria sentido e realização à sua vida. Tal tipo de conexão entre pai e filha (o) não tem nada de incomum, mas a compreensão de como se dá em cada caso demanda o conhecimento de sua incontornável singularidade.

No caso de Juscelina, alguns fatores são essenciais para explicar sua especificidade: o sentimento de esperança que animava a família na época de seu nascimento; a posição de filha caçula - nascida quando os filhos mais velhos já poderiam colaborar para a melhora da vida familiar, o que é demonstrado, por exemplo, pelo fato de Juscelina ter sido alfabetizada em casa por uma irmã mais velha; os incentivos à escolarização oferecidos pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais, fruto de uma política historicamente situada do Ministério da Educação da qual Gabriel foi capaz de se beneficiar com a consecução de uma bolsa de estudos para sua filha; os elogios sentidos por ela como exclusivos e especialmente afetuosos; os passeios que intermediavam sua relação com o espaço público; as autorizações para trabalhar fora do ambiente doméstico aos 12 anos, no sindicato, e para se mudar, sozinha, aos 14 anos, para João Pessoa.

Todos esses eventos são tomados aqui como sociologicamente relevantes porque repercutiram na vida de Juscelina de maneira durável. Apesar de não ser razoável afirmar que houve, da parte de Juscelina, um planejamento de ascensão social arquitetado a partir de objetivações conscientes, os fatores acima reunidos a impulsionaram, ainda muito jovem, a ter uma trajetória diferente daquela socialmente reservada às mulheres de sua família.

Retomando a questão que abre esse texto – a da relação entre a identidade e o nome próprio –, faço algumas últimas considerações que remontam ao percurso da investigação. Após Juscelina consentir em ter a vida vasculhada por uma pesquisadora e mesmo ainda não sabendo quais caminhos a investigação tomaria, ela decidiu pelo não anonimato. Ao longo da nossa convivência e conforme avançava na busca de dados empíricos sobre sua trajetória e de sua família, fui entendendo com mais profundidade os motivos dessa decisão.

Tendo se dedicado quase inteiramente ao trabalho durante os trinta e cinco anos em que viveu no Rio de Janeiro e em São Paulo, Juscelina era conhecida como *Juscelina da Coca-Cola*. Durante as semanas em que estive em Caiçara, para a pesquisa, várias pessoas se referiam a ela como *a moça da Coca-Cola*. Não há forma mais literal de fazer coincidir a colocação no mundo do trabalho e a identidade. Quando eu a conheci, ela estava vivendo um momento muito específico da vida. Após uma carreira consolidada e já se aproximando da idade mínima para aposentadoria, queria compreender e *resgatar* o seu passado. Por tudo isso, ela tem uma aguda consciência do significado da assunção de seu nome próprio, Juscelina Gomes de Lima. Trata-se do desejo de ser reconhecida a partir de um traço social e afetivo irredutível, qual seja, seu lugar em uma linhagem familiar.

## Referências

- BARBU, Zevedei. O conceito de identidade na encruzilhada. *In: Anuário Antropológico*, Brasília, v. 3, n. 1, p. 293-307, 1979.
- BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. Estatística da Instrução. **Estatística Escolar**: seção 4, Rio de Janeiro, v.1, 1920.
- CARDOSO, F.H. e MULLER, G. **Amazônia, expansão do capitalismo**. São Paulo: Cebrap/Brasiliense, 1977.
- COMEFORD, John. **Como uma família**: Sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Vozes: Petrópolis, 1998.
- CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. *In: CLIFFORD, James. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- COUTINHO, Priscila de Oliveira. **“Meu sonho era maior que eu”**: biografia sociológica de uma trãnsfuga de classe. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- DOUGLAS, Mary. The social control of cognition: some factors in joke perception. **Man**, Grã-Bretanha; Irlanda, v.3, n. 3, p. 361-376, 1968.
- ELIAS, Norbert. **Mozart**: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. São Paulo: Globo, 2008.
- FRANCO, M.S. **Homens livres na ordem escravocrata**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997
- GARCIA, A. R. **O sul**: caminho do roçado: estratégias de reprodução camponesa e transformação social. Brasília: Editora Marco Zero; Universidade de Brasília e CNPq, 1989.
- GUEDES, A.D. Abrir no mundo, rasgando o trecho: mobilidade popular, família e grandes projetos de desenvolvimento. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 21, p. 137-152, 2012.
- HAAZAREESINGH, Sudhir. **Le mythe gaullien**. Paris: Gallimard, 2010
- HEREDIA, Beatriz. **A morada da vida**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- HOGGART, R. **La culture du pauvre**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1970.
- IBGE. **Tendências demográficas no período 1940/2000**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia\\_demografica/analise\\_populacao/1940\\_2000/comentarios.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia_demografica/analise_populacao/1940_2000/comentarios.pdf). Acesso em: 30 nov. 2013.
- IBGE. **Recenseamento Geral do Brasil**. Primeiro de setembro de 1940. Rio de Janeiro, 1950.

- LAHIRE, Bernard. **Retratos Sociológicos**. Disposição e variações individuais. São Paulo: Artmed, 2004
- LAHIRE, Bernard. **Franz Kafka: éléments** pour une théorie de la création littéraire. Paris, Éditions La Découverte, 2010.
- LAHIRE, Bernard. **Dans le plis singuliers du social**: individus, institutions, socialisations. Paris: La Découverte, 2013.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **L'Identité**. Paris: Grasset, 1977.
- MEAD, George H. **Mind, self and society**. Chicago: The University of Chicago Press, 1967.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Sinais da modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lúcia de A. N. (org.). **O tempo do nacional-estatismo**: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v. 2, p. 324-349.
- PALMEIRA, Moacir. Política e tempo: nota exploratória. In: PEIRANO, Mariza (org.). **O dito e o feito**: Ensaios de antropologia dos rituais. São Paulo: Relume Dumará, 2011. p.172-177.
- SECRETO, Maria Verónica. **Soldados da Borracha**: Trabalhadores Entre o Sertão e a Amazônia no Governo Vargas. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.
- SIMÕES, Josanne Guerra. **Sirênico Canto** – Juscelino Kubtschek e a construção de uma imagem. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SUASSUNA, Ariano. **O Movimento Armorial**. Recife: Universitária da UFPE, 1974.
- TAYLOR, Charles. **As fontes do self**: a construção da identidade moderna. São Paulo: Loyola, 1997.
- WERNECK, A. Uma sociologia da compreensão a partir do par crítica e jocosidade. **Civitas**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 482-503, 2016.
- WOORTMAN, Klaas. Migração, família e campesinato. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 35-51, jan./jul. 1990.

Recebido em: 18/12/2018

Aceito em: 17/01/2019